

Histórias da ecologia

Núcleo: Habitar o clima

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....	p.11
Texto de Núcleo.....	p.16
Mapa do espaço expositivo.....	p.18
Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo	p.19

Parede 1

Mapa da Parede 1.....	p.20
-----------------------	------

GERTRUDES ALTSCHUL:

<i>Sem título</i>	p.20
--------------------------------	------

<i>Jogo de linhas</i>	p.21
------------------------------------	------

<i>Concreto abstrato</i>	p.21
---------------------------------------	------

<i>Folha morta</i>	p.21
---------------------------------	------

<i>Filigrana</i>	p.22
-------------------------------	------

<i>Arquitetura ou Triângulo ou Composição</i> ...	p.22
--	------

LUIZ ROQUE, <i>Urubu</i>	p.23
---------------------------------------	------

JOSECA YANOMAMI, <i>Prahai hamë, ai thë urihi</i>	
--	--

*thëri thëpëni kami Watoriki thëri wamareki
pree xapiri ithomaiihe, yanomae yamaki
utupë. Pree ithomai Praukuhe yaropë xiro
xapiri ithoimi komi kutarenaha thëpë xapiri
ithu.....p.24*

JOSECA YANOMAMI, *Ai yanomae praha
theri thepene yamaki xapiri wãroho ithoa
hikimaremahe. Ai the urihi theri thepeni
wamareki herimai hikiahe, wamareki xapiri
praia hikiamotayuwih.....p.25*

BRÍGIDA BALTAR, *Floresta vermelha #3.....p.26*

BRÍGIDA BALTAR, *Floresta vermelha #2.....p.26*

Parede 2

Mapa da Parede 2.....p.28

AGNES DENES, *Wheatfield—A Confrontation:
Battery Park Landfill, Downtown
Manhattan—with New York Financial Center
(Composite).....p.28*

NICOLÁS URIBURU:

Registro da performance S.O.S Brasil, ativada no espelho d'água do MASP em 1992.....p.30

Coloration MASP Brasil.....p.30

Coloracion MASP, S. Paulo, Brasil.....p.31

LIBERATE TATE, ***The Gift.....***p.32

CAROLINA CAYCEDO, ***Senior Women for Climate Protection.....***p.34

CAROLINA CAYCEDO, ***Greenham Common Women's Peace Camp.....***p.35

Parede 3

Mapa da Parede 3.....p.36

RAPHAEL ESCOBAR:

Parasitismo.....p.36

Mutualismop.36

Inquilinismop.36

MICHAEL RAKOWITZ, ***paraSITE.....***p.38

DANIEL CABALLERO, ***Tamanduateí-***

Monumento	p.39
DONNA CONLON, <i>Natural Refuge</i>	p.40
MINORU HIRATA, <i>Hi Red Center's 'Cleaning Event' (officially known as 'Be Clean!' and 'Campaign to Promote Cleanliness and Order in the Metropolitan Area')</i>	p.41
MIERLE LADERMAN UKELES: <i>Artist's Letter of Invitation Sent to Every Sanitation Worker with Performance Itinerary for 10 Sweeps in All 59 Districts in New York City</i>	p.43
<i>Touch Sanitation Performance</i>	p.44
<i>Touch Sanitation Performance</i>	p.45
 Obras tridimensionais no espaço expositivo Mapa de Obras tridimensionais no espaço expositivo.....	p.47
LUCY & JORGE ORTA, <i>Body Architecture — Collective Wear 4 persons</i>	p.47

CRISTINA T. RIBAS, *Descida da terra/trabalho das águas*.....p.49

Mapa do espaço expositivo.....p.51

Parede 4

Mapa da Parede 4.....p.52

PETER COOK (ARCHIGRAM), *Instant City in a Field, Typical Set-Up*.....p.52

ANT FARM, *Dream Cloud (Inflatables)*.....p.54

ANT FARM, *Susie Miller photo (Inflatables)*....p.54

ANT FARM, *Ant Farm's Dream Cloud Inflation Atop Mount Vision at Point Reyes, California, February 1970, (Inflatables)*.....p.55

FRIEDENSREICH HUNDERTWASSER, *Men's Five Skins*.....p.57

P.M., *bolo'bolo*.....p.58

OCUPAÇÃO 9 DE JULHO, MOVIMENTO DOS SEM-TETO DO CENTRO (MSTC):

<i>Luanda — 5 anos.....</i>	p.60
<i>Giuliana — 9 anos.....</i>	p.61
<i>Noah - 5 anos.....</i>	p.61
<i>Davi M. — 8 anos.....</i>	p.61
<i>Carlos Emanuel — 8 anos.....</i>	p.61
<i>Pérola — 7 anos.....</i>	p.62
<i>Davi L. — 10 anos.....</i>	p.62

Parede 5

Mapa da Parede 5.....	p.64
------------------------------	-------------

VIRGINIA DE MEDEIROS:

<i>Maria Luiza dos Santos e Adriana Santos Menezes, Guerrilheiras.....</i>	p.64
<i>Daniela Santos Neves, Guerrilheiras.....</i>	p.64
<i>Irene dos Santos, Guerrilheiras.....</i>	p.64
<i>Adriana Ferreira Xavier, Guerrilheiras.....</i>	p.64
<i>Maria das Neves Pereira, Guerrilheiras.....</i>	p.65
<i>Elizabete Afonso Pereira, Guerrilheiras.....</i>	p.65
<i>Carmen da Silva Ferreira, Guerrilheiras....</i>	p.65

Sonia Mabel B. Barreto, Guerrilheiras.....	p.65
Joana Pereira da Conceição, Guerrilheiras..	p.65
Priscila Pamela P. Santos, Guerrilheiras...	p.65
Generosa Maria de Sousa Lima, Guerrilheiras.....	p.65
Leonice Penteado Lucas, Guerrilheiras.....	p.65
Marineide Jesus da Silva, Guerrilheiras....	p.65

Parede 6

Mapa da Parede 6.....	p.67
Etsedron, <i>Projeto ambiental IV</i>.....	p.67
JURACI DÓREA, <i>Progetto Terra</i>.....	p.69
JURACI DÓREA, <i>Paisagem nordestina — 0820-2</i>.....	p.69
JURACI DÓREA, <i>Tune, Tapera, estrada que liga Feira de Santana a São Gonçalo dos Campos, 20 de abril de 1988</i>.....	p.69

Parede 7

Mapa da Parede 7.....	p.71
SERTÃO NEGRO, <i>O vendedor de pedras</i>	p.71

Obras tridimensionais no espaço expositivo

Mapa de Obras tridimensionais no espaço expositivo.....	p.73
ICONOCLASISTAS, <i>Corpoterritório</i>	p.73
ROSE AFEFÉ, <i>Método de fazer vida e coisas</i>	p.74

Parede 8

Mapa da Parede 8.....	p.76
LEÓN FERRARI, <i>Duas ruas</i>	p.76
LEÓN FERRARI, <i>Cidade</i>	p.76
LEÓN FERRARI, <i>A menina do mato</i>	p.78
MOVIMENTO DOS ARTISTAS HUNI KUIN (MAHKU) — IBÃ HUNI KUIN/BANE HUNI KUIN, <i>Dami (Avenida Paulista)</i>	p.78

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA

No ano em que o Brasil sedia a COP30 – Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Belém do Pará, o MASP apresenta a exposição *Histórias da ecologia*. Esta é a oitava mostra do museu dedicada a histórias diversas, plurais e polifônicas desde 2016. Não se trata de uma resposta direta à conferência, mas de um enfoque ampliado. Para além da urgência incontornável da crise climática, a exposição expande o conceito de ecologia, analisando, por meio do trabalho de artistas, ativistas e movimentos sociais, as relações entre seres humanos e mais-que-humanos — que incluem animais, plantas, rios, florestas, montanhas e fungos.

A escolha do termo “ecologia”, em lugar de “natureza”, é aqui uma decisão conceitual. Ao contrário de concepções que isolam a natureza como entidade exterior à sociedade, a ecologia é compreendida como trama relacional, um campo de forças em constante transformação, que questiona dicotomias como natureza/cultura, sujeito/objeto, humano/não humano. Essa abordagem dialoga com propostas contemporâneas de uma virada ecológica nas ciências humanas e sociais, que repensam os modos de produção de conhecimento a partir da multiplicidade de mundos e ecossistemas.

Com obras de 116 artistas, em sua maioria oriundos do chamado Sul Global, *Histórias da ecologia* amplia essa rede para estabelecer alianças entre Sul e Norte, reconhecendo que a crise climática exige ações coordenadas,

solidárias e urgentes. Muitas obras revelam não apenas os efeitos, mas também as raízes históricas do colonialismo, do racismo ambiental e do capitalismo global sobre corpos, territórios e ecossistemas.

A mostra é organizada em cinco núcleos, sugeridos nesta ordem de visita, do sexto ao segundo andar do edifício: *Teia da vida*, *Geografias do tempo*, *Vir-a-ser*, *Territórios, migrações e fronteiras* e *Habitar o clima*. A exposição transita entre saberes geológicos, biográficos, espirituais, comunitários e planetários. Propõe, assim, reconhecer cosmologias que resistem à destruição da vida e instaurar espaços de imaginação crítica, nos quais o futuro se apresenta como campo de disputa e responsabilidade coletiva.

Curadoria: André Mesquita e Isabella Rjeille, MASP

A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias da Ecologia* em 2025, que inclui monográficas de Abel Rodríguez, Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Movimento dos Atingidos por Barragens, Taniki Yanomami, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019 o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que se somam à programação de *Histórias da Ecologia* este ano. O novo edifício Pietro Maria

Bardi também incorpora soluções sustentáveis, conquistando certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

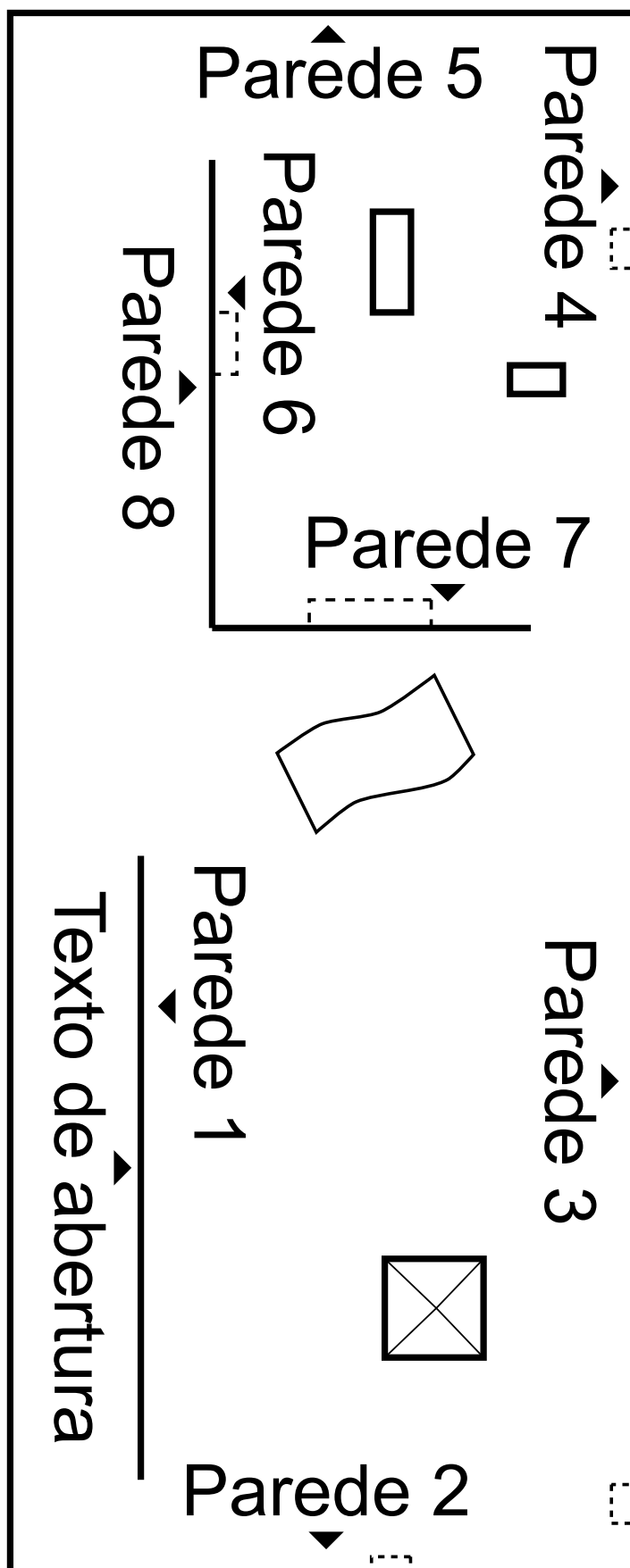
Texto de Núcleo: HABITAR O CLIMA

Habitar o clima reúne trabalhos realizados em contextos diversos — rurais e urbanos — por artistas, coletivos e movimentos sociais que refletem criticamente sobre as formas de habitar e de se relacionar com o entorno. O conceito de “clima”, aqui, não se limita às condições atmosféricas: abrange também um conjunto de fatores culturais, sociais e políticos que moldam e influenciam ações.

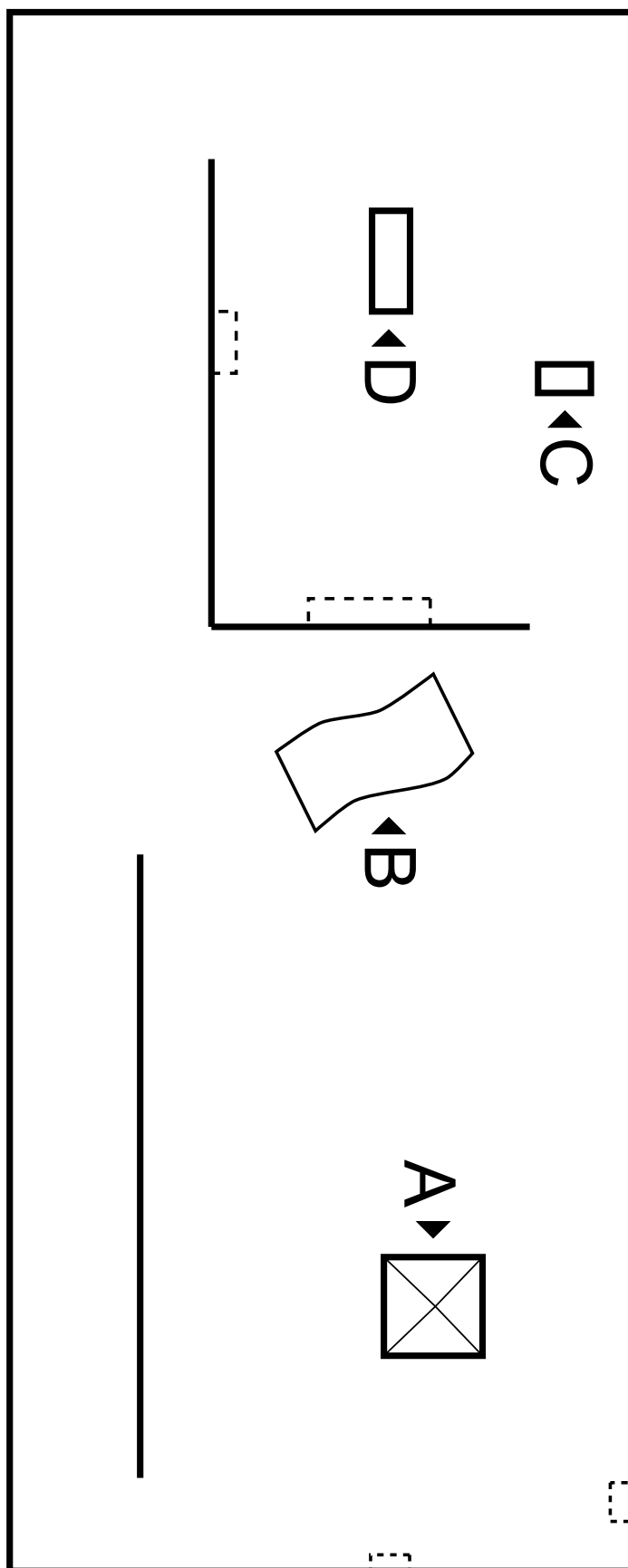
O núcleo apresenta projetos que formulam estratégias de ocupação, moradia e direito à cidade, nos quais corpo e território se entrelaçam. As obras investigam maneiras radicais de viver e imaginar a cidade, promovendo diálogos entre o urbano e o rural, o humano e o não humano. Nelas, o corpo emerge como mediador entre

espaços e dinâmicas sociais. Ao confrontar as violências do capital e suas múltiplas camadas, essas experiências afirmam a potência de modos solidários de habitar, baseados na justiça espacial e na construção de mundos compartilhados.

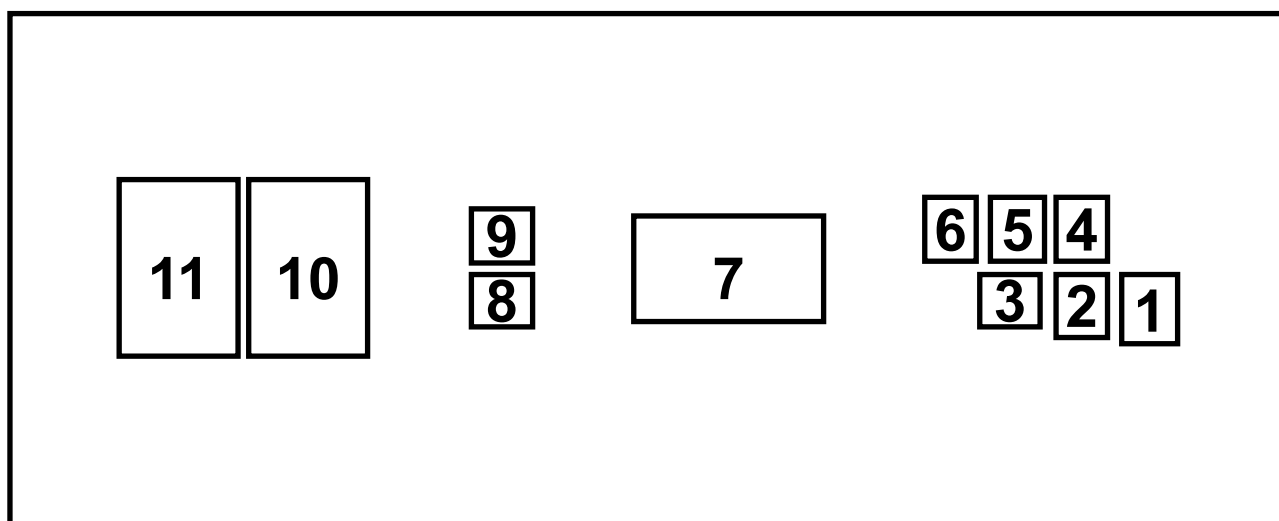
Mapa do espaço expositivo



Mapa de obras tridimensionais no espaço expositivo



PAREDE 1



Gertrudes Altschul

Berlim, 1904—1962, São Paulo

1. *Sem título*, circa 1950

Ampliação em gelatina e prata

Coleção Família Altschul, São Paulo

2. *Jogo de linhas*, sem data

Fotografia analógica, ampliação sobre
papel fotográfico

Comodato MASP FCCB

3. *Concreto abstrato*, sem data

Fotografia analógica, ampliação sobre
papel fotográfico

Comodato MASP FCCB

4. *Folha morta*, sem data

Fotografia analógica, ampliação sobre
papel fotográfico

Comodato MASP FCCB

5. *Filigrana*, sem data

Fotografia analógica, ampliação sobre
papel fotográfico

Comodato MASP FCCB

6. *Arquitetura ou Triângulo ou Composição*, sem data

Fotografia analógica, ampliação sobre
papel fotográfico

Comodato MASP FCCB

Luiz Roque

Cachoeira do Sul, Brasil, 1979, vive em São Paulo

7. *Urubu*, 2021

Filme super 8 transferido para vídeo, cor
Coleção do artista, São Paulo

Em 2021, durante a pandemia de covid-19, Luiz Roque filmou em super-8 o voo solitário de um urubu sobre o Centro de São Paulo. Confinado em seu apartamento, o artista acompanhou o percurso da ave entre prédios silenciosos, enquanto o cotidiano da cidade parecia suspenso. No filme mudo, seu loop contínuo encena outra noção de tempo — um tempo espiralado. Ao repetir esse movimento, o voo da ave propõe uma percepção diferente da cidade, marcada por ausência e contemplação.

Joseca Yanomami

Rio Uxi u, Território Yanomami, Brasil, 1971, vive na comunidade Watoriki

8. *Prahai hamë, ai thë urihi thëri thëpëni kami Watoriki thëri wamareki pree xapiri ithomaiihe, yanomae yamaki utupë. Pree ithomai Praukuhe yaropë xiro xapiri ithoimi komi kutarenaha thëpë xapiri ithu*

[Em um lugar distante, em uma terra onde vivem outras pessoas, os nossos xapiri dos xamãs do Watoriki também descem. As imagens das pessoas também descem por toda parte. Apenas os espíritos dos animais não descem, todos os espíritos de todos os seres descem], 2011

Grafite, lápis de cor e tinta de caneta
hidrográfica sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, doação Clarice O. Tavares, 2021

**9. *Ai yanomae praha theri thepene yamaki
xapiri wãroho ithoa hikimaremahe.***

***Ai the urihi theri thepeni wamareki
herimai hikiahe, wamareki xapiri praia
hikiamotayuwih*** [Outros Yanomami que
moram longe já fizeram descer muitos de
nossos xapiri. As pessoas de outros lugares já
nos fizeram cantar, nossos xapiri já dançaram
uns para os outros], 2011

Grafite, lápis de cor e tinta de caneta
hidrográfica sobre papel
Museu de Arte de São Paulo Assis
Chateaubriand, doação Clarice O. Tavares, 2021

Brígida Baltar

Rio de Janeiro, 1959—2022

10. *Floresta vermelha #3*, 2007

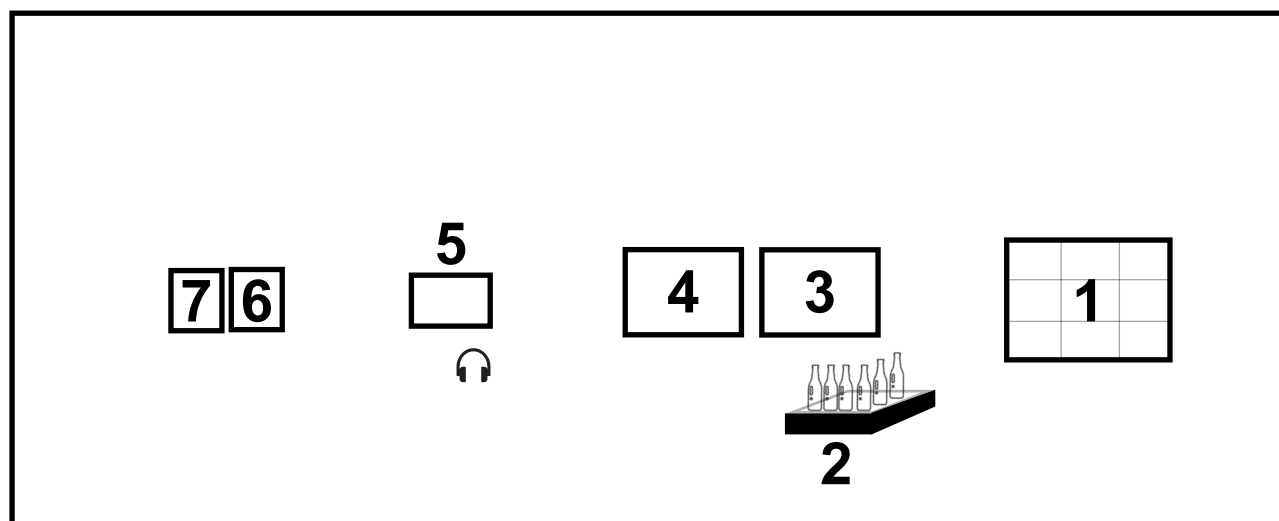
11. *Floresta vermelha #2*, 2007

Pó de tijolo sobre papel

Acervo Banco Itaú, São Paulo

Nesta série de pinturas, Brígida Baltar usa o pó dos tijolos de sua antiga casa-ateliê, em Botafogo, como matéria-prima para compor imagens que remetem a florestas. O resíduo da demolição torna-se, assim, um vestígio que ativa uma poética do desaparecimento, da memória e do pertencimento. Essas obras fazem parte de uma fase em que a artista explorou elementos do cotidiano e da arquitetura doméstica, convertendo ruínas em paisagens sutis.

PAREDE 2



Agnes Denes

Budapeste, Hungria, 1931, vive em Nova York

1. Wheatfield—A Confrontation: Battery Park Landfill, Downtown Manhattan—with New York Financial Center (Composite)

[Campo de trigo — um confronto: aterro sanitário do parque Battery, centro de Manhattan — com o centro financeiro de Nova York (Composição)], 1982/2023

C-print

Coleção da artista, Nova York

Em 1982, Agnes Denes cultivou durante quatro meses um campo de trigo de dois acres no coração de Nova York, no aterro vazio de Battery Park, próximo às Torres Gêmeas. A intervenção confrontava a gentrificação, a especulação imobiliária e o abandono de áreas urbanas. Ao semear e colher trigo no centro financeiro da metrópole, Denes reativou ideias de cultivo e valor de uso, em contraste com a lógica de consumo e o produtivismo irracional que regem o capitalismo urbano. A obra evidenciava o contraste entre o sistema financeiro e práticas agrícolas comunitárias, propondo uma reflexão sobre a crescente desumanização das paisagens metropolitanas e a desigualdade econômica.

Nicolás Uriburu

Buenos Aires, 1937—2016

2. *Registro da performance S.O.S Brasil, ativada no espelho d'água do MASP em 1992*

Garrafas de água tingida de verde

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, aquisição

3. *Coloration MASP Brasil* [Coloração MASP Brasil], da série *Coloraciones* [Colorações] , 1992

Ampliação sobre papel fotográfico, intervinda com marcador preto por meio de estêncil

Fundação Nicolás García Uriburu, Buenos Aires

4. Coloracion MASP, S. Paulo, Brasil

[Coloração MASP, S. Paulo, Brasil], da série *Coloraciones* [Colorações], 1992

Ampliação sobre papel fotográfico, intervinda com marcador preto por meio de estêncil

Fundação Nicolás García Urriburu, Buenos Aires

Em 9 de julho de 1992, o artista argentino Nicolás García Urriburu tingiu de verde fluorescente os espelhos d'água que circundam os pilares de sustentação do MASP. A intervenção integrou a exposição *S.O.S. Brasil*, apresentada no museu naquele mesmo ano, que refletia sobre questões ecológicas e ambientais. Urriburu já havia realizado ações semelhantes, como em 1968, durante a 34^a Biennale di Venezia, quando tingiu as águas do Grande Canal da cidade com fluoresceína, corante orgânico inofensivo desenvolvido pela NASA.

Embora não autorizada, a ação visava chamar a atenção para a poluição das águas e a urgência da preservação ambiental.

Liberate Tate

Londres, 2010 - em atividade

5. *The Gift*, 2012

Vídeo, 12'

Coleção Liberate Tate, Londres

Durante anos, o grupo Liberate Tate realizou ações diretas e performances abordando o patrocínio da British Petroleum (BP) ao museu Tate. Em *The Gift*, transportaram pelas ruas de Londres uma pá de turbina eólica de 16,5 metros e 1,5 tonelada até o Turbine Hall da Tate Modern, onde a deixaram como doação simbólica.

Amparado pela legislação britânica da seção 7 da Lei de Museus e Galerias de 1992, o gesto obrigava o museu a considerá-la parte de sua coleção e uma doação à nação. Em 2016, após sucessivas ações do grupo, a Tate encerrou a parceria com a petrolífera.

Carolina Caycedo

Londres, 1978, vive em Los Angeles

My Brazilian Feminine Lineage of Struggle

[Minha linhagem brasileira feminina de luta],
da série *Genealogy of Struggle* [Genealogia
da luta], 2018-19

6. Senior Women for Climate Protection

[Mulheres seniores para a proteção do clima]

O Senior Women for Climate Protection é um grupo de mulheres que, em 2016, entrou com uma ação judicial contra o Estado suíço, alegando violação de direitos humanos. Elas se basearam em cláusulas da Constituição Suíça e Convenção Europeia dos Direitos Humanos e acusaram o Estado de não agir para combater as emissões de gases do efeito estufa. O tribunal não aceitou a petição.

7. Greenham Common Women's Peace Camp [O campo de paz para mulheres de Greenham Common]

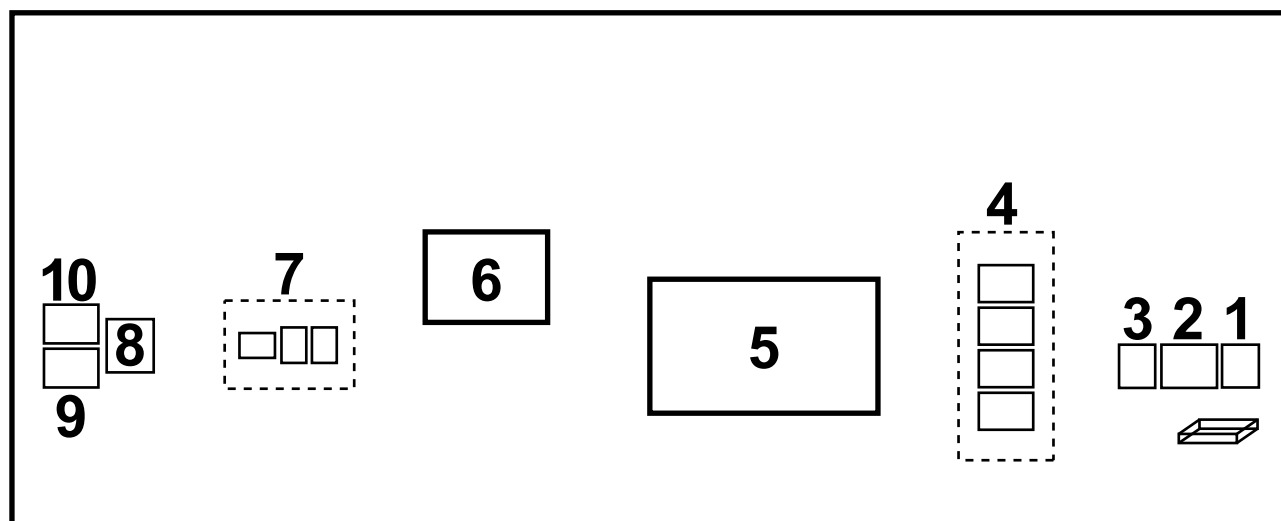
O Acampamento da Paz da Mulher Comum de Greenham fez parte de um acampamento estabelecido em 1981 para protestar contra o estoque de armas nucleares da Força Aérea Real Greenham Common, em Berkshire, Inglaterra. Em 1o de abril de 1983, cerca de 70 mil manifestantes formaram uma corrente de 23 quilômetros de Greenham até a fábrica de munições em Burghfield.

Nanquim sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Rose Setubal e Alfredo Setubal, no contexto da exposição *Histórias das mulheres, histórias feministas*, 2019

PAREDE 3



Raphael Escobar

São Paulo, 1987, vive em São Paulo

1. *Parasitismo*

2. *Mutualismo*

3. *Inquilinismo*

da série *Pernoite*, 2013-18

Intervenção com toldos retráteis, impressão sobre papel

Coleção do artista, São Paulo

A série *Pernoite* (2013-18) consistiu em uma instalação de toldos retráteis no espaço urbano, que serviram de abrigo temporário para a população em situação de rua. Baseada em conceitos da biologia como Mutualismo, Parasitismo e Inquilinismo, a série ressalta as diferentes redes de relações e negociações que perpassam as formas de co-habitar a cidade. Em *Mutualismo*, por exemplo, para além do espaço físico, a obra exigia uma negociação direta com os comerciantes para transformar as fachadas das lojas em refúgios noturnos. O trabalho comenta a privação de moradia no espaço urbano, principalmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Michael Rakowitz

Great Neck, Estados Unidos, 1973,
vive em Chicago

4. *paraSITE*, 2000—em processo

Impressão digital sobre papel (Sacos plásticos,
tubos de polietileno, ganchos e fita adesiva)
Coleção do artista, Chicago

paraSITE, de Michael Rakowitz, é um projeto que propõe abrigos infláveis temporários feitos com sacos plásticos, fita adesiva e polietileno, aproveitando o ar quente das saídas de ventilação de edifícios para inflar e aquecer as estruturas. Desenvolvidos a partir de conversas com pessoas em situação de rua, os abrigos são adaptados às suas necessidades específicas e estabelecem uma relação simbiótica com

a cidade, inspirada no parasitismo biológico. Rakowitz vê *paraSITE* como uma intervenção transitória, que deveria se tornar obsoleta com a adoção de políticas públicas eficazes para enfrentar a crise habitacional.

Daniel Caballero

São Paulo, 1972, vive em São Paulo

5. *Tamanduateí-Monumento*, 2018

Serigrafia sobre tecido

Coleção do artista, São Paulo

O desenho *Tamanduateí-Monumento*, de Daniel Caballero, recupera a memória de um rio e de uma paisagem apagados pela urbanização de São Paulo. Usado para pesca, transporte e atividades cotidianas no passado, o Tamanduateí

foi progressivamente canalizado, retificado e degradado. Na obra, o rio reaparece alagado, coberto por mato, aves e insetos. Ao centro, um ônibus que afunda funciona como monumento e ruína, quase engolido por uma natureza que resiste. A cena imagina o retorno de um ambiente selvagem, sugerindo que, mesmo em colapso, a paisagem urbana pode se reconfigurar como abrigo, evocando outras formas de relação entre cidade e ecossistema.

Donna Conlon

Atlanta, Estados Unidos, 1966, vive na
Cidade do Panamá

6. *Natural Refuge* [Refúgio natura], 2003

Vídeo, som 8'43"

Coleção da artista, Cidade do Panamá

Minoru Hirata

Tóquio, 1930—2018

***7. Hi Red Center's 'Cleaning Event'
(officially known as 'Be Clean!' and
'Campaign to Promote Cleanliness and
Order in the Metropolitan Area')*** ["Evento
de limpeza" do Hi Red Center (oficialmente
conhecido como "Fique limpo!" e "Campanha
para promover a limpeza e a ordem na área
metropolitana")], 1964

Ampliação em gelatina e prata

Taka Ishii Gallery Photography / Film, Tóquio

As fotografias de Minoru Hirata documentam performances e intervenções artísticas realizadas no Japão dos anos 1960, que reagem às normas impostas pela ordem urbana

burocrática. Em 1964, ano dos Jogos Olímpicos de Tóquio, o governo japonês impôs uma campanha para tornar a cidade mais “limpa” e “organizada”. O coletivo Hi Red Center realizou uma ação no distrito de Ginza em resposta à campanha de higienização promovida pelo Estado nipônico e voltada especialmente contra pessoas em situação de rua. As fotos de Hirata mostram os integrantes do grupo vestindo jalecos e máscaras cirúrgicas esfregando obsessivamente as calçadas com vassouras, pincéis, solventes e panos.

Mierle Laderman Ukeles

Denver, Estados Unidos, 1939, vive em Nova York

8. *Artist's Letter of Invitation Sent to Every Sanitation Worker with Performance*

Itinerary for 10 Sweeps in All 59 Districts

in New York City [Carta de convite da artista enviada a todos os trabalhadores do setor de saneamento com itinerário de apresentações para 10 varreduras em todos os 59 distritos da cidade de Nova York], 1979

Impressão sobre papel

Coleção da artista, Nova York

9. *Touch Sanitation Performance*

[Performance de saneamento pelo toque],
1979-80

Impressões arquivísticas sobre papel
Coleção da artista, Nova York

Registro de performance em toda a cidade com 8.500 trabalhadores da limpeza urbana em todos os 59 distritos de saneamento da cidade de Nova York. Aterro sanitário (local e data desconhecidos).

10. *Touch Sanitation Performance*

[Performance de saneamento pelo toque],
1979-80

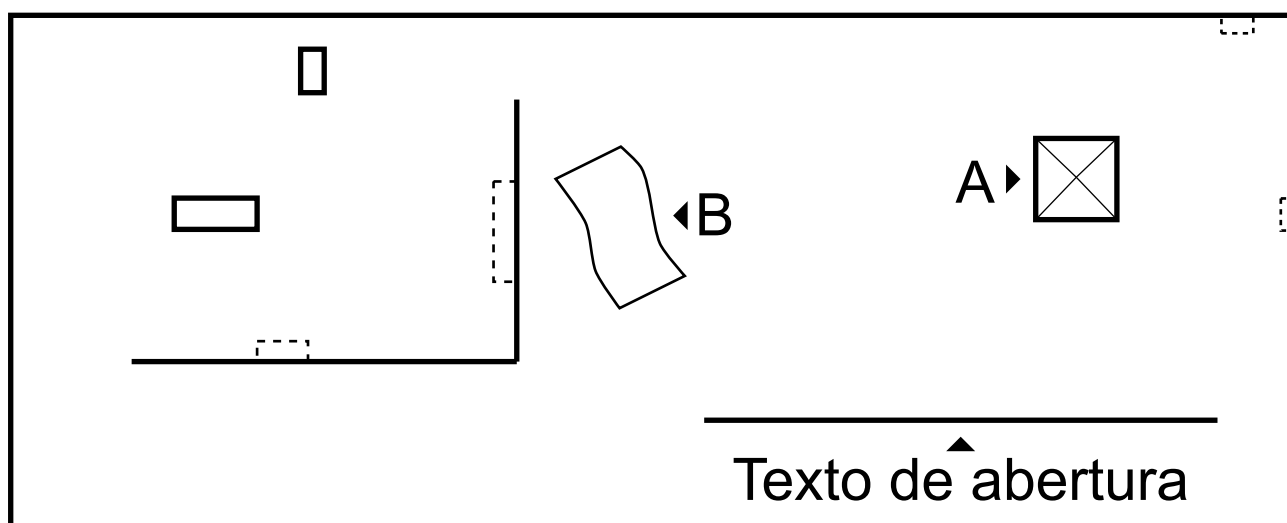
Impressões arquivísticas sobre papel
Coleção da artista, Nova York

Registro de performance em toda a cidade com 8.500 trabalhadores da limpeza urbana em todos os 59 distritos de saneamento da cidade de Nova York. Varredura 2, Brooklyn 31, 8.8.1979

Com sua “arte da manutenção”, Mierle Laderman Ukeles chama a atenção para tarefas cotidianas frequentemente invisibilizadas, como limpeza, gestão de resíduos e cuidados com os espaços — atribuições geralmente associadas às mulheres e historicamente desconsideradas no campo da arte. Em 1977, Ukeles tornou-se

artista residente do Departamento de Limpeza Urbana de Nova York, cargo que ainda ocupa. No projeto *Touch Sanitation*, acompanhou o dia a dia de 8.500 agentes da limpeza pública, mapeou rotas de coleta, registrou depoimentos e fotografias e cumprimentou individualmente cada trabalhador dizendo “Obrigada por manter a cidade de Nova York viva”.

OBRAS TRIDIMENSIONAIS NO ESPAÇO EXPOSITIVO



Lucy & Jorge Orta

Sutton Coldfield, Inglaterra, 1966, vive em Paris/
Rosario, Argentina, 1953, vive em Paris

A. *Body Architecture — Collective Wear 4 persons* [Arquitetura corporal — vestimenta coletiva 4 pessoas], 1996

Poliamida revestida de alumínio, poliéster microporoso, armaduras telescópicas de alumínio e solas aderentes

Coleção dos artistas, Paris

Em sua série *Body Architecture*, a dupla de artistas Lucy e Jorge Orta investiga as relações entre a roupa e a casa para pensar a vestimenta como abrigo. Os artistas desenvolveram estruturas com materiais impermeáveis que podem ser usadas tanto como abrigos móveis em uma cidade, protegendo os corpos das mudanças climáticas, como também se transformam em roupas, dependendo das necessidades de seus usuários. Esse roupa/corpo/ lar projetado por Lucy e Jorge Orta pode ser lido como uma manifestação ambiental e coletiva em movimento, conectando-se, por exemplo, com os parangolés de Hélio Oiticica (1937-1980).

Cristina T. Ribas

São Borja, Brasil, 1980, vive em Porto Alegre, Brasil

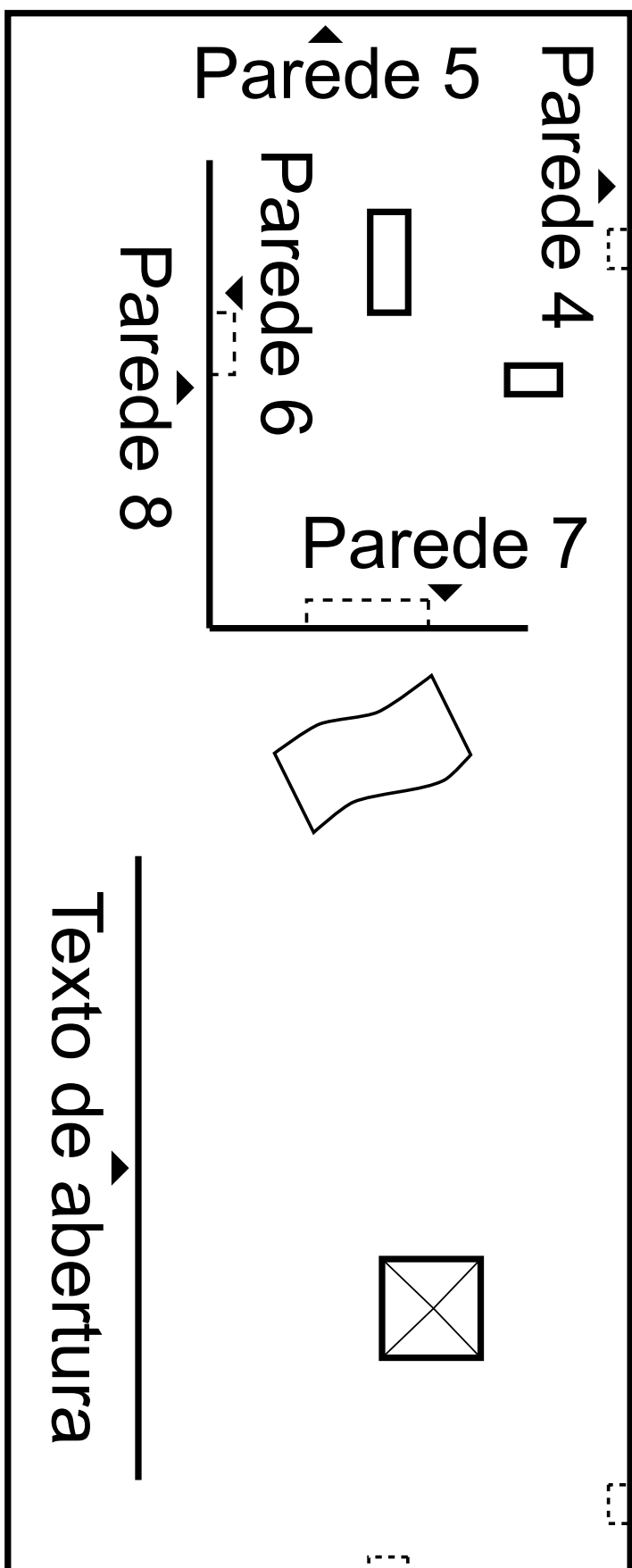
B. Descida da terra/trabalho das águas, 2025

Impressão sublimática sobre tecido

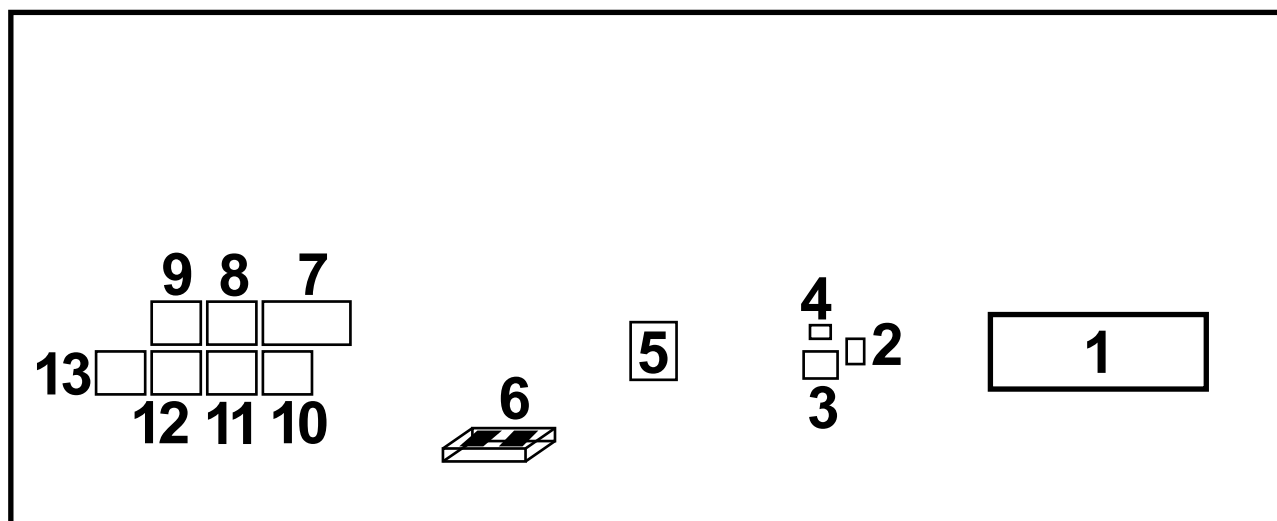
Coleção da artista, Porto Alegre, Brasil

A instalação *Descida da terra/trabalho das águas*, de Cristina T. Ribas, trata dos impactos das enchentes no Rio Grande do Sul em 2023 e 2024, que afetaram mais de 650 mil pessoas. A obra analisa como as águas redesenharam rios, lagos e bacias hidrográficas. Trata-se de uma hidrocartografia em movimento, na qual é possível perceber a lama, o lodo, as casas e os restos que as águas arrastaram e destruíram, ao mesmo tempo que oferece uma visão ampliada do desastre. Suspenso, o mapa

impresso em tecido permite imaginar a terra por baixo, captando o que nossa escala humana não alcança.



PAREDE 4



Peter Cook (Archigram)

Londres, 1961-1974

1. *Instant City in a Field, Typical Set-Up* [Cidade instantânea em um campo, montagem típica], 1969

Impressão digital sobre papel

Arquivo Archigram, Los Angeles

O coletivo de arquitetos britânico Archigram elaborou protótipos visionários de cidades móveis e funcionais, pensadas como redes descentralizadas, nômades e desenraizadas. No projeto *Instant City*, Peter Cook, integrante do grupo, desenhou uma cidade efêmera capaz de se deslocar e ser instalada em qualquer lugar. Balões serviriam de suporte para lonas flutuantes, e uma infraestrutura de cúpulas, tendas e telões projetaria imagens evocando a atmosfera de um festival de música, mas com a funcionalidade de uma cidade itinerante.

Ant Farm

São Francisco, Estados Unidos, 1968—1978

2. *Dream Cloud (Inflatables)* [Nuvem de sonhos (infláveis)], 1970

Ampliação em papel fotográfico

3. *Susie Miller photo (Inflatables)* [Foto de Susie Miller (infláveis)], 1970

Ampliação em papel fotográfico

4. *Ant Farm's Dream Cloud Inflation Atop Mount Vision at Point Reyes, California, February 1970, (Inflatables)* [Inflamento da nuvem de sonhos do Ant Farm no topo do monte Vision em Point Reyes, Califórnia, fevereiro de 1970, (infláveis)], 1970

Cartão-postal

University of California, Berkeley Art Museum e Pacific Film Archive, compra possível pelo legado de Thérèse Bonney por meio de troca, uma doação parcial de Chip Lord e Curtis Schreier, as doações de um doador anônimo e Harrison Fraker, 2005

Fundado em 1968 por Chip Lord e Doug Michels, em São Francisco, o coletivo Ant Farm foi influenciado pelo grupo Archigram, pelas ideias de Buckminster Fuller (1895–1983), pelos protestos antiguerra e pela confluência entre cibernética, ecologia, educação alternativa e contracultura promovida por Stewart Brand no *Whole Earth Catalog*. O grupo criou arquiteturas infláveis e de baixo custo, projetadas como zonas temporárias para encontros lúdicos e experimentações comunitárias. Leves, participativas e fáceis de montar, essas estruturas pneumáticas foram compartilhadas em um manual que ensinava o público a construí-las de forma autônoma.

Friedensreich Hundertwasser

Viena, 1928—2000, Queensland, Austrália

5. *Men's Five Skins* [As cinco peles humanas], 1997

Impressão digital sobre papel

Hundertwasser Non-Profit Foundation, Viena

O desenho expressa a visão holística de Friedensreich Hundertwasser sobre a relação entre o humano e o universo. Nele, um corpo aparece envolto por cinco camadas, ou “peles”, que representam formas de conexão com o mundo: a pele biológica; as roupas, expressão da criatividade; a casa, espaço habitado e símbolo de sua crítica ao urbanismo moderno e ao racionalismo; o ambiente social, que envolve vínculos afetivos e culturais; e, por fim, a “pele

planetária”, nossa ligação com a Terra. Para o artista, a consciência ecológica exige um compromisso ético com a preservação ambiental e a vida em todas as suas formas.

P.M.

Suiça, 1947

6. *bolo'bolo*, 1983

Livro

Coleção particular São Paulo e Centro de pesquisa do MASP

O livro *bolo'bolo* (1983), de Hans Widmer, publicado sob o pseudônimo P.M., circulou entre ecologistas radicais, anarquistas e anticapitalistas, propondo um sistema alternativo ao capitalismo neoliberal. A obra imaginava

o mundo organizado em *bolos*: comunidades autônomas de 300 a 500 *ibus* (pessoas), autogeridas, descentralizadas e cooperativas. Ao abolir Estado, mercado e trabalho alienado, o manifesto defendia a criação de modos de vida locais, sustentáveis e solidários. Mapas no livro ilustram a estrutura dessas comunidades culturalmente diversas. A proposta antecipava debates sobre decrescimento, ecologia social e auto-organização, em diálogo com outras práticas utópicas e contraculturais de deslocamento entre campo e cidade.

Ocupação 9 de Julho, Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC)

São Paulo, 2001 - em atividade/São Paulo, 1997
- em atividade

Desenhos realizados pelas crianças da Ocupação 9 de Julho do Movimento dos Sem-Teto do Centro na oficina Ocupar e registrar: criação de mapas e futuros imaginados, ministrada por Isart Silva em 15.6.2025, em São Paulo

7. *Luanda — 5 anos, 2025*

Tinta de marcador permanente sobre papel

8. *Giuliana* — 9 anos, 2025

Grafite, lápis de cor e tinta de marcador permanente sobre papel

9. *Noah* - 5 anos, 2025

Tinta de marcador permanente sobre papel

10. *Davi M.* — 8 anos, 2025

Tinta de caneta hidrográfica e tinta de marcador permanente sobre papel

11. *Carlos Emanuel* — 8 anos, 2025

Grafite, lápis de cor e tinta de marcador permanente sobre papel

12. *Pérola* — 7 anos, 2025

Grafite, lápis de cor e tinta de marcador permanente sobre papel

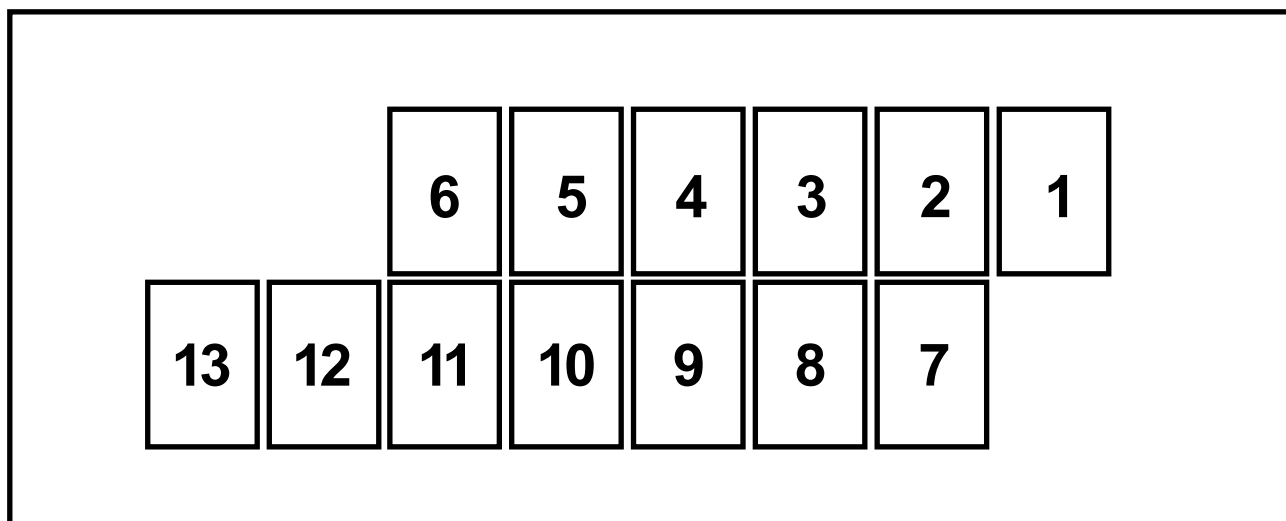
13. *Davi L.* — 10 anos, 2025

Grafite, lápis de cor e tinta de marcador permanente sobre papel

Em junho de 2025, Isart Silva, da equipe de Mediação e Programas Públicos do MASP, realizou uma oficina com sete crianças da Ocupação 9 de Julho, intitulada Ocupar e registrar: criação de mapas e futuros imaginados. Observando com lupas as formigas e insetos que habitam a área livre da ocupação — com suas árvores e horta —, as crianças coletaram folhas, desenharam esses seres,

traçaram os percursos entre suas casas e os espaços externos do edifício da ocupação e imaginaram arquiteturas variadas, inclusive as moradas das próprias formigas.

PAREDE 5



Virginia de Medeiros

Feira de Santana, Brasil, 1973, vive em São Paulo

1. *Maria Luiza dos Santos e Adriana Santos Menezes, Guerrilheiras*

2. *Daniela Santos Neves, Guerrilheiras*

3. *Irene dos Santos, Guerrilheiras*

4. *Adriana Ferreira Xavier, Guerrilheiras*

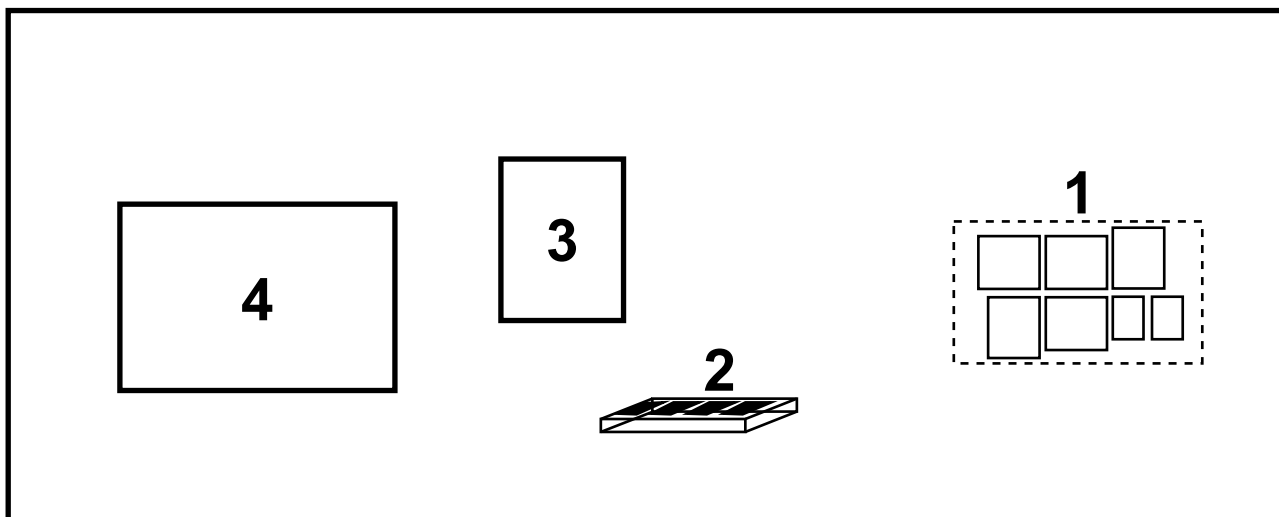
- 5. *Maria das Neves Pereira, Guerrilheiras***
- 6. *Elizabeth Afonso Pereira, Guerrilheiras***
- 7. *Carmen da Silva Ferreira, Guerrilheiras***
- 8. *Sonia Mabel B. Barreto, Guerrilheiras***
- 9. *Joana Pereira da Conceição, Guerrilheiras***
- 10. *Priscila Pamela P. Santos, Guerrilheiras***
- 11. *Generosa Maria de Sousa Lima,
Guerrilheiras***
- 12. *Leonice Penteado Lucas, Guerrilheiras***
- 13. *Marineide Jesus da Silva, Guerrilheiras***

da série *Alma de bronze*, 2017

Fotografia digital, impressão sobre papel
de algodão

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand,
doação da artista no contexto da exposição
Histórias das mulheres, histórias feministas

PAREDE 6



Etседron

Bahia, Brasil, 1969—1979

1. *Projeto ambiental IV*, 1977

C-print sobre papel

Arquivo Histórico Wanda Svevo, São Paulo

A produção do grupo Etседron mobiliza cruzamentos entre arte, ecologia e antropologia, dentro de uma lógica colaborativa e de reinvenção do espaço urbano e rural. A proposta de seu

Projeto ambiental IV, apresentado na 14ª Bienal de São Paulo, incluía figuras antropomórficas confeccionadas com fibras, cipós, raízes e sementes, além de apresentações de teatro, música e dança. O Etsedron buscava criar uma prática artística contracultural e etnográfica ancorada no convívio com comunidades sertanejas, explorando as realidades sociais, econômicas e culturais do Nordeste e contrapondo-se estética e politicamente à narrativa do “milagre econômico” promovida pela ditadura militar brasileira e à violência extrativista que o discurso oficial ocultava.

Juraci Dórea

Feira de Santana, Brasil, 1944, vive em
Feira de Santana

2. *Progetto Terra*, 1988

Impressão fotográfica e cartão
Coleção do artista, Feira de Santana, Brasil

3. *Paisagem nordestina — 0820-2*, 2007

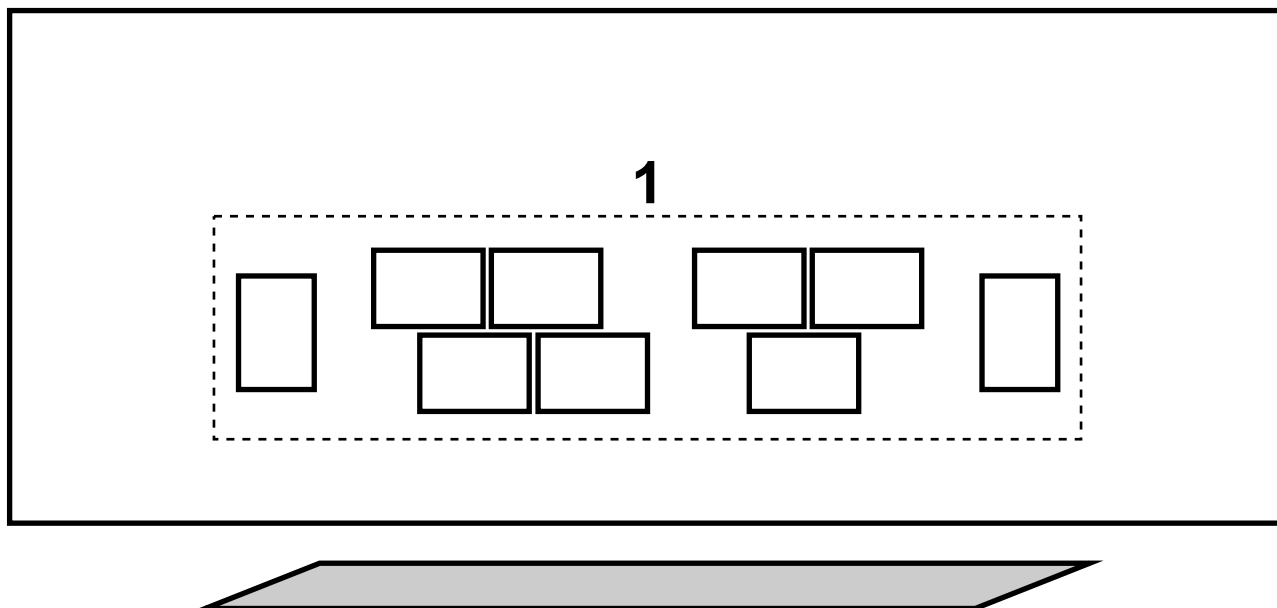
Carvão sobre papelão
Coleção do artista, Feira de Santana, Brasil

4. *Tune, Tapera, estrada que liga Feira de Santana a São Gonçalo dos Campos, 20 de abril de 1988*, 1988-2024

Impressão analógica montada em alumínio
Coleção do artista, Feira de Santana, Brasil

No *Progetto Terra*, iniciado em 1982, Juraci Dórea percorreu cidades do interior da Bahia reunindo materiais como madeira, couro, cordas e arames para criar grandes esculturas inseridas na paisagem e na vida cotidiana sertaneja. Em vez de exibi-las em museus ou jardins urbanos, o artista as instalou diretamente no ambiente rural, documentando-as em fotografias apresentadas na 43a Bienal de Veneza, em 1988. Essas esculturas modificam o entorno e coexistem com elementos humanos e mais que humanos — plantas, animais e moradores, todos eles constituindo o verdadeiro público de uma obra enraizada nas ecologias locais.

PAREDE 7



Sertão Negro

Goiânia, Brasil, 2021 - em atividade

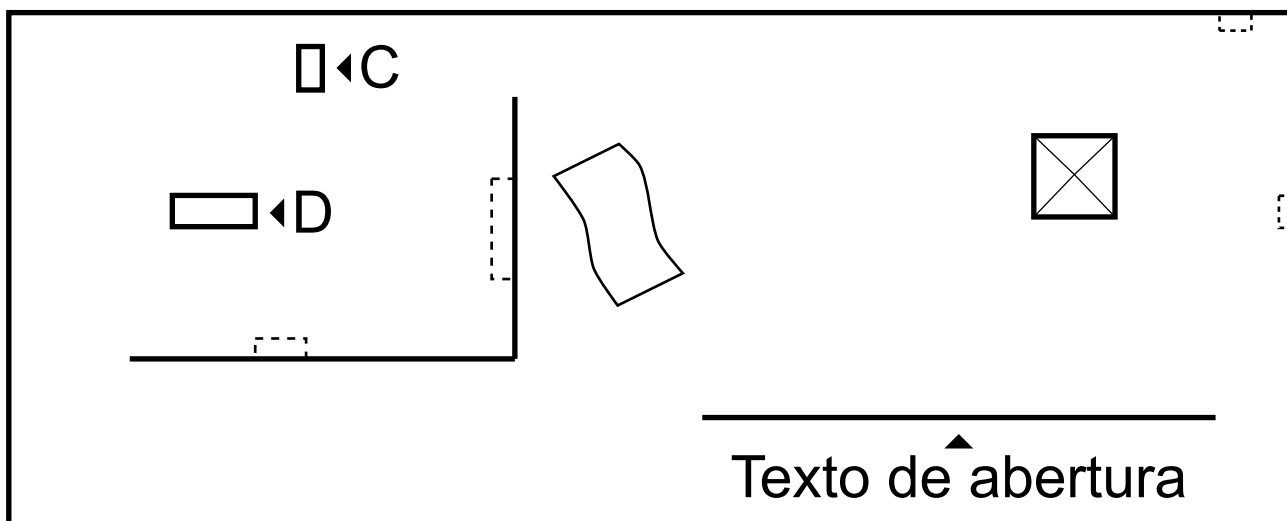
1. *O vendedor de pedras*, 2025

Fotografias, pedras, pilão e gamela

Coleção Sertão Negro, Goiânia, Brasil

O Sertão Negro, ateliê-escola criado por Dalton Paula e Ceiça Ferreira em Goiânia, apresenta *O vendedor de pedras*, instalação baseada na história de José, jovem morador do território Kalunga — o maior quilombo em extensão territorial do Brasil. José coleta pedras do Rio Paranã, uma tradição compartilhada pelos filhos de Xangô, ao coletarem as pedras sagradas Edun-ará, de acordo com um mito Yorubá. O garoto enxerga beleza nas pedras, que escolhe e compartilha com base em um saber afetivo. Fotografias e objetos ritualísticos, como gamelas, pilão e pedras sagradas, evocam Xangô e sua força, revelando vínculos entre espiritualidade, troca e cuidado com o mundo.

OBRAS TRIDIMENSIONAIS NO ESPAÇO EXPOSITIVO



Iconoclasistas

Buenos Aires, 2006 - em atividade

C. Corpoterritório, 2021

Impressão digital sobre papel

Coleção dos artistas, Buenos Aires, criado e concebido por Iconoclasistas a partir de uma oficina de mapeamento coletivo realizada com participantes da América Latina, em articulação com o Instituto de Saúde Socioambiental da Universidad de Ciencias Médicas de la ciudad de Rosario, Argentina

Rose Afefé

Varzedo, Brasil, 1988, vive entre Ibicoara, Rio de Janeiro e São Paulo

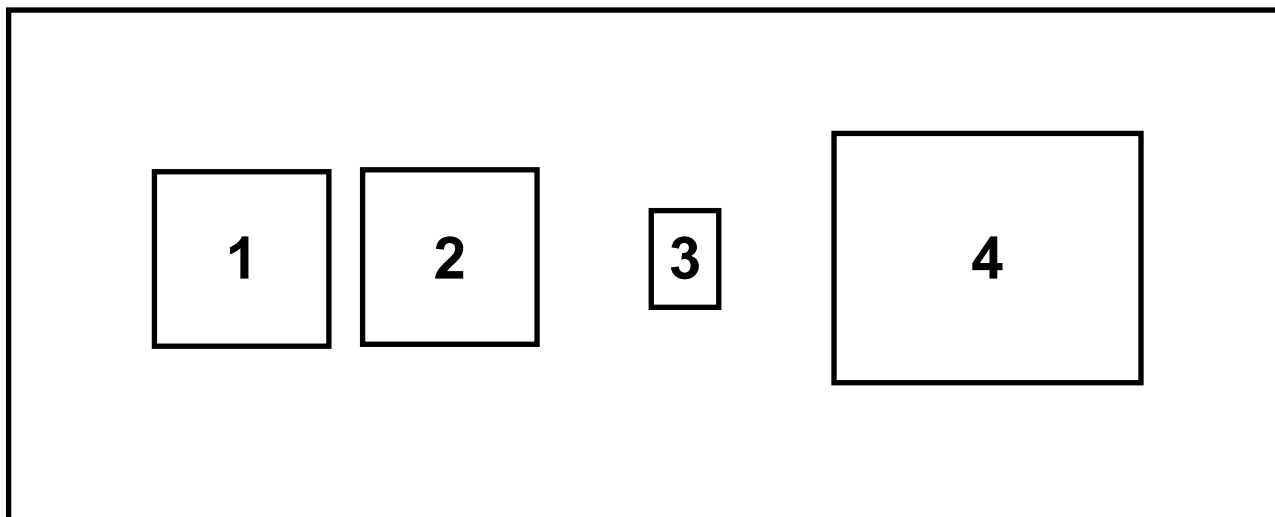
D. *Método de fazer vida e coisas*, 2024-2025

Caixa de vidro, ferro e terra com intervenções
Coleção da artista, São Paulo

Rose Afefé criou, na Chapada Diamantina, uma microcidade em um terreno de três hectares. Inspirada por suas memórias de infância, construiu *Terra Afefé* em parceria com a comunidade rural de Ibicoara, utilizando bioconstrução e adobe — tijolos artesanais de terra crua, água e fibras naturais. O espaço reúne casas, biblioteca, bar, restaurante, praça e teatro, valorizando, assim, a coletividade e modos de

vida sustentáveis. Em *Habitar o clima*, o projeto é apresentado por meio de desenhos e fotografias, dialogando com outras obras que exploram relações entre memória, moradia e território.

PAREDE 8



León Ferrari

Buenos Aires, 1920—2013

1. *Duas ruas*, 1981

2. *Cidade*, 1980

Nanquim sobre papel vegetal

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação do artista, 1991

Duas ruas e Cidade, desenhos em nanquim de León Ferrari, traçam caminhos densos e emaranhados, mapeando os circuitos e velocidades de uma grande cidade. São cartografias intensas da geografia urbana, onde o espaço se transforma em um enigma a ser descoberto, oferecendo a chance de nos perdermos nessa trama. Vivendo em São Paulo, Ferrari deparouse com uma metrópole caótica, acelerada pelos impulsos de sua modernização. A cidade lhe pareceu um labirinto alucinante, no qual pessoas se cruzam e se perdem, delineando rotas de fuga e desencontros constantes.

3. *A menina do mato*, da série *Xerox*
(fotocópia de obra da série Homens), 1980

Fotocópia sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação do artista, 1991

**Movimento dos artistas Huni Kuin (Mahku) —
Ibã Huni Kuin/Bane Huni Kuin**

Terra Indígena Kaxinawá do Rio Jordão, 2013 -
em atividade/Jordão, 1964/Jordão, 1983

4. *Dami (Avenida Paulista)*, 2017

Acrílica sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, obra comissionada, no contexto
da exposição Avenida Paulista, 2017-21